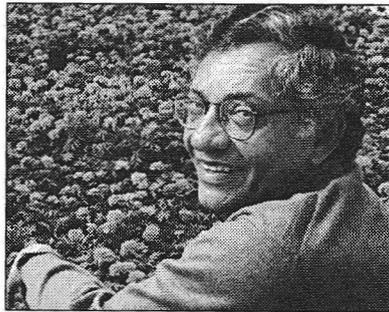


# Da marcha para o oeste ao “far-west” caboclo

No terceiro artigo da série *Brasília capital cultural*, o cineasta Vladimir Carvalho observa que a cultura local é espasmódica



Vladimir Carvalho

A cidade emergiu do ermo calcinado do cerrado envolto no tempo, e tempo aqui, pode-se cogitar, é igual a natureza, primordial, dionisíaca, incriada, precedendo o homem; e o espaço é o que se acrescentou à natureza sobre a qual assentaria a empreitada humana, a cultura, por assim dizer. Brasília aflora dessa interseção, de trocas recíprocas em que o apolíneo se opõe ao dionisíaco, no embate entre natureza e civilização. Lúcio Costa pôs o prumo cartesiano no traçado urbano e Oscar Niemeyer puxou o fio da meada barroca das curvas voluptuosas que estão na massa do sangue de nossa formação ibérica. E a *urbs* monumental e bela permanece sob o signo da genialidade desses dois artistas, produtores de beleza. É o resultado mais emblemático da grande *marcha para o oeste* do bandeirante JK, mas sobretudo, como já se disse, exaustão, um resumo da capacidade criadora do homem brasileiro. Este, o pano de fundo que perdura - ou deveria perdurar - até hoje. Entretanto, apesar do cenário excitante, das formas eloquentes,

da plástica excepcional da arquitetura, do belo em si, na prática social muito pouco se estabeleceu, nesses 39 anos de existência de Brasília, que se harmonize com este estímulo visual feito de espanto e admiração. Vivemos nós brasileiros mergulhados nesse espaço de apelos à sensibilidade, ao engenho e à arte e no entanto parece que não encontramos - ou não nos são dados - os meios de realizarmos o que temos introjetado ou timidamente experimentado no plano estético, refletindo a vivência de todo esse tempo passado sob essa abóbada de insistente azul...

A cultura classicamente entendida como o que o homem, de modo criativo, acrescenta à natureza é um processo sujeito à história, condicionado às relações sociais e de classe, a diferentes visões de mundo. Mas em Brasília esses aspectos da produção cultural não são identificados à primeira vista: cidade administrativa, com perfil peculiar também por conta de que suas classes sociais são formadas a partir de uma coletividade de funcionários públicos e de pres-



Arquivo

Vivemos nós brasileiros mergulhados nesse espaço de apelo à arte e, no entanto, parece que não encontramos os meios de realizarmos o que temos introjetado no plano estético

tadores de serviços, não tem a dinâmica sócio-econômica de outros centros. Se não chega a se estruturar num processo, como em outros lugares do país, também nunca chegou a um projeto por mais artificial que fosse, o que em última análise seria coerente com a sua criação *in vitro*. Espasmódica, a cultura local vive de eventos, que na maior parte das vezes emanam da vontade arbitrária dos governantes. Acontece à mercê dos humores e

da “genialidade” dos poderosos de plantão; padece de seus periódicos surtos psicóticos: vem um e tomba a cidade, criando uma intocabilidade quando deveria se consultar o fluxo natural do desenvolvimento urbano; vem outro doidivanas e loteia, delirando com uma segunda, tardia e melancólica, *marcha para o oeste*. Este queria, como uma Grande Mãe (vide Jung), povoar a terra e o máximo que conseguiu foi parir o caos, no seio do

qual despontam agora uma desorganização e uma violência até então desconhecidas por aqui, um *far-west* caboclo.

A cultura local está imersa nesse quadro de distorções e aí alguém haverá de dizer que é assim em qualquer parte do país, um vezo nacional. Mas aqui existe o agravante de não sendo nem de longe um centro produtor, industrial ou financeiro, a iniciativa (quando há iniciativa) é sempre do estado dirigente, o

que limita, e muito, a liberdade criadora, tendendo tudo para a homogeneização. Aqui não existem as “sobras” de caixa dos centros produtivos, com empresariado forte, como é o caso do Rio e de São Paulo, resultando, às vezes, em parcerias com as artes. Para aquilatar isso é só examinar as estatísticas de participação das empresas em empreendimentos subsidiados pelas leis de incentivo fiscal. Aliás, a própria empresa produtora de cultura naquelas praças já apresenta um perfil próprio e independente. Aqui essa figura praticamente inexistente, e o estado que era para prover é lamentável lacuna. E ainda se dá o luxo da mais deslavada ação contra a cultura, patrocinando o descumprimento da lei de incentivos por ele próprio instituída. Este é um panorama que desafia o nosso otimismo e a nossa fé, no momento em que a cidade aniversaria; os artistas e intelectuais embora apreensivos, depois de 100 dias de um novo governo sem que nada se mova, comungam da festa mas permanecem conscientes de suas tarefas, fiéis às premissas e ao espírito inicial de Brasília, na tentativa esperançosa de conciliar tempo e espaço.

**VLADIMIR CARVALHO**

Especial para o JORNAL DE BRASÍLIA

Vladimir Carvalho é cineasta, autor dos filmes *O País de São Saruê* e *Conterrâneos Velhos de Guerra*, entre outros